

NOTÍCIA DE PESQUISA

PESQUISA HISTÓRICA, PRIMEIROS PASSOS: COTIDIANO E SOCIABILIDADES NO DISTRITO DE CACHOEIRINHA-PR DOS ANOS 1930-1940

OSVALDO CARNEIRO DE MATOS NETO*

Iniciada neste primeiro semestre de 2018, a presente pesquisa recorta como cenário mais amplo, um conjunto de bairros rurais do Distrito de Cachoeirinha, municipalidade de Jaguariaíva-PR, região nordeste deste Estado, a aproximadamente 50km da divisa com o Estado de São Paulo. O período pesquisado remete ao primeiro governo Vargas, entre 1930 e 1945, momento marcado pela estatização de inúmeras indústrias e uma maior aproximação do poder público em relação aos trabalhadores. Neste âmbito, tem sido objeto de estudo as relações estabelecidas entre pessoas simples desta localidade do nordeste paranaense através, principalmente, de processos judiciais.

Um dos pontos que atestou a relevância desta análise, fora, inclusive, o processo de industrialização que ocorreu nesta localidade interiorana e ruralizada¹ do Estado do Paraná em meados da primeira década do século XX, por meio da instalação de uma das indústrias madeireiras mais conhecidas no país nesta época, a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*. Proveniente do capital estrangeiro, esta empresa

se responsabilizava pelo corte da madeira – a fim de abrir espaço para a construção da estrada de ferro que ligaria São Paulo-SP a Santa Maria-RS – e o subsequente loteamento e venda das terras desmatadas.

A respeito da influência da *Brazil Lumber* na história regional e nacional, bem como dos trabalhadores que dela fizeram parte, podemos citar, entre os mais recentes, os trabalhos de Paulo P. Machado², acerca das lideranças caboclas que atuaram no movimento do Contestado³ e da influência da empresa supracitada nos conflitos de terra que lá existiram e o de Alexandre A. Tomporoski⁴, relativo ao pós-Contestado, no planalto norte-catarinense, lugar de inúmeros conflitos ideológicos, políticos e judiciais entre a *Brazil Lumber* e os trabalhadores. Estes estudos evidenciam as formas pelas quais as relações de produção no sul do Brasil foram transformadas após a sua chegada.

Informações mais específicas a respeito do Engenho de Cachoeirinha, a serraria construída naquele distrito pela empresa supracitada, podem ser consultadas por meio de relatórios oficiais dos diretores da indústria⁵. Estes documentos demonstram que a construção do mesmo teria ocorrido em 1916 e seis anos depois, em março de 1922 como apontam alguns jornais da época (*A República*; *Diário da Tarde*⁶), o potencial extrativo da região começava a ser aproveitado para a produção de papel. Juntamente com o reflorestamento e a inserção de novos maquinários a serraria é incorporada às Indústrias Brasileiras de Papel e na década que segue continua sendo destaque, como podemos acompanhar na reportagem do periódico *O Estado*:

Há tempos *O Estado* publicou ampla reportagem sobre a Fábrica de Papel de Cachoeirinha, a mais

importante indústria deste gênero na América do Sul situada no município de Jaguariahyva.⁷

Neste âmbito, é importante ressaltar que a indústria madeireira no Paraná, em meados dos anos 1930, era uma das mais rentáveis e desenvolvidas que, com a decadência da erva mate – o produto mais exportado do Paraná até a Primeira Guerra Mundial, onde iniciou a concorrência com a produção argentina – constituía a base da economia extrativista do Estado, já que a indústria de bens de consumo ainda era muito incipiente, como registra a historiadora Ângela Brandão:

Apesar do desemprego e das dificuldades sociais geradas pela decadência da atividade da erva mate, o aumento da produção e exportação da madeira mantinha ainda aquecida a economia regional, atraindo parte da mão de obra que a produção do mate dispensava, multiplicando-se as serrarias, arrefecendo-se a circulação pelas estradas de ferro.⁸

Assim, com um cenário montado, o qual parte da implantação de uma estrutura fabril numa região ainda ruralizada do Estado do Paraná, tem-se como objetivo estudar quem foram as pessoas pobres, habitantes dos “bairros rurais” ou distritos municipais, quais eram as tradições que tinham lugar em suas práticas e como se deram as suas relações com a cultura dominante entre os anos de 1930 e 1945. Dessa forma, os costumes, os bailes, práticas religiosas e demais elementos lúdicos encontrados no meio rural, juntamente com fenômenos provenientes da modernização como o cinema, o clube de futebol, o botequim, a estação ferroviária e a vigilância, fornecem inúmeras possibilidades de análise.

Como se pode observar, o cenário caleidoscópico do início da pesquisa, com muitos caminhos e poucas certezas, exige definições iniciais

para garantir que os primeiros passos sejam seguros. Algo como uma ponte suspensa por cordas, ainda com pouca sustentação, mas com pilares sólidos. Não seria possível, portanto, avançar a pesquisa deste ponto sem um referencial teórico-metodológico consistente. Tomando conceitos como cotidiano, sociabilidades, trabalho, cultura popular e entrecruzando-os com documentos como processos criminais e periódicos, os principais autores que vêm contribuindo para este início de investigação são Michel de Certeau, E. P. Thompson, Carlo Ginzburg.⁹ De modo mais específico, temos ainda importantes referenciais no que diz respeito a Cidades e modernidade, como Maria Izilda S. de Matos e Sandra J. Pesavento.¹⁰ Manter o diálogo entre tais autores é indispensável e esclarecedor, uma vez que fornecem possibilidades inesgotáveis.

Sendo assim, buscando sistematizar todas estas informações, a fim de acessar toda potencialidade das fontes, opta-se por dividir o estudo em três frentes de análise, já esboçadas a partir do estudo preliminar das fontes. São elas: o espaço amplo e interligado; inúmeros agentes sociais; cotidiano e sociabilidades. Unindo esses pontos, é possível justapor as peças deste quebra cabeça a medida que a pesquisa avança.

Um espaço amplo e interligado

Durante o processo de levantamento de fontes, ao analisar documentos que tratavam do distrito de Cachoeirinha, ficou claro que este local possuía um destaque na região, principalmente por ali ficar a Estação Ferroviária e alguns pontos comerciais. No entanto, ao analisar os processos criminais, outras localidades mais interioranas apareciam com

frequência, assim como a Vila da Fábrica de Papel, o Cerrado das Cinzas, O Rio do Peixe, formando um espaço bastante heterogêneo por onde inúmeros homens e mulheres transitaram, promoveram trocas, viveram e morreram.

Elucidando, portanto, o cenário indicado acima, é oportuno citar que os dados da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros de 1959, apontam que Arapoti¹¹ contava com “11.192 pessoas”, sendo que na sede do município (ao entorno da Estação Ferroviária) havia apenas “734 habitantes”, demonstrando que a maioria de sua população se encontrava nas regiões mais interioranas e na “Fábrica de Papel e Papelão, em cujas adjacências [residiam] nada menos de 2.000 pessoas”¹².

Os processos criminais trazem ainda registros de outros locais que ainda que interioranos em relação à sede do distrito ou à própria vila da fábrica, são interligados através do trânsito dos agentes sociais. Em um mesmo processo criminal de 1939, os quatro sujeitos autuados residiam em localidades diferentes. Antonio Eginio em Morro Azul, Abílio de Souza em Rio do Peixe, Geniplo Sampaio no município de Jaguariaíva e Quintilhano Chaves no Quarteirão José Dias, próximo a Cachoeirinha. Todos se dirigiram a esta última localidade para uma raia de cavalos.¹³

Existem, ainda, vários registros criminais que relacionam o distrito de Cachoeirinha ao Cerrado das Cinzas, bairro rural bastante populoso naquele período, uma vez que inúmeros operários que se deslocavam para trabalhar na fábrica de papel residiam naquela localidade. Este intercâmbio pode ser observado, a título de exemplo, em um processo criminal que trata de uma briga em um baile que ocorria “anexo a uma casa comercial”, no Cerrado das Cinzas. Naquela ocasião, o ofendido Amantino Abílio de

Almeida, operário, residia na Vila da Fábrica e o seu ofensor, Jordão Mendes, no bairro onde tudo ocorreu. Entre as testemunhas havia residentes em Cachoeirinha, Vila da Fábrica e Cerrado.¹⁴

As relações amorosas não deixam de testemunhar essas ligações entre espaços geograficamente afastados. Em 1942, um processo criminal por defloração trás os relatos das amorosidades existentes entre o jovem casal Reni Russi e Anita Axt. Ele, torneiro industrial, 24 anos e residente em Cachoeirinha. Ela, doméstica, entre 17 e 18 anos e residente em Jaguariaíva. A distância de aproximadamente 15 quilômetros entre uma localidade e outra não foi empecilho para os diversos encontros.¹⁵ Entretanto, existem também espaços que fazem parte do povoado de Cachoeirinha, como o cinema, a associação dos operários e a estação ferroviária, que apesar de serem mais circunscritos ao raio de convivência dos habitantes deste distrito, não deixam de realçar os sinais do cotidiano dos inúmeros grupos sociais ali existentes.

Inúmeros agentes sociais

Quando se fala numa grande indústria, estrada de ferro e vila fabril se espera que o pesquisador investigue principalmente as relações de trabalho e produção, a luta unificada e sindicalizada dos operários, entre outros temas relacionados. No entanto, as fontes aqui analisadas têm impellido as análises a seguirem por outro caminho. Devido à variedade de agentes sociais, com ocupações e intenções diversas – ainda que a subalternidade na sociedade seja comum a todos – optou-se por se aproximar da vertente da história social que, após o giro cultural dos anos

1980, tem ampliado o “conceito de ‘trabalhador’ no imaginário acadêmico”, permitindo abarcar outros sujeitos como os “pobres no geral, trabalhadores, mas também ‘desclassificados sociais’, excluídos e marginalizados, tais como criminosos, prostitutas e loucos”¹⁶.

Os lavradores são alguns desses agentes analisados. Sendo assim, a influência da ruralidade do distrito de Cachoeirinha e imediações se torna cada vez mais evidente a medida que vai aumentando o número de lavradores nas laudas processuais. Datando do início dos anos 1930, é possível citar o caso emblemático de Antonio de Carvalho, um imigrante português que vivia da pecuária de subsistência e é convocado na justiça pelas Indústrias Brasileiras de Papel para que desocupe as terras que deveriam ser imediatamente colocadas sob o poder desta empresa.¹⁷ São duas intensões diversas para com a terra, colocadas em conflito direto e que têm demonstrado fazer parte do cotidiano daquele distrito.

Uma década depois os camponeses e também a cultura do campesinato seguem despertando questões pertinentes. Justamente no ano de 1943 é que a atuação de curandeiros e parteiras é apreciada pela justiça local. Nesta data Domingos Martins, “um preto”, “curandeiro e costumado a fazer partos” e Justina Dias da Trindade, autuados no mesmo processo, deixam de ser uma das únicas esperanças da população do interior, no que diz respeito a doenças do corpo e da alma, para se tornar criminosos indiciados pela prática indevida da medicina¹⁸. Eis um amplo universo de questões a ser apreciado e inserido nos rumos desta pesquisa.

Lavradores, operários ou comerciantes, os imigrantes são outro elemento partícipe da construção dessa cotidianidade que tem sido possível observar em Cachoeirinha. Assim como as ocupações, as

nacionalidades são múltiplas. Entre os que foram registrados até o momento, temos moradores como João Ciumachowicz, “natural da Polônia”, proveniente do Rio Grande do Sul e Vicente Danieleski, “natural da Alemanha”¹⁹. Entre os italianos temos a família comerciante de Luiz Binotto²⁰. Além destes imigrantes de origem europeia, acessamos também alguns de ascendência árabe, como é o caso de “José Jorge Direne, natural da Síria, comerciante nesta vila, casado, filho de Jorge Direne e de D. Puba Direne, estes já falecidos, residente nesta vila”²¹.

Os processos que envolvem mulheres também são importantes para pensar inúmeras questões acerca do cotidiano. À guisa de exemplo, entre os processos que versam sobre as mesmas, existem polos opostos. Num dos casos, o assunto é o assassinato de Catarina Masney por seu marido, o qual “tinha um machado na mão” e após discussão “bateu com o mesmo na cabeça de Catarina”. Tendo que este homem “em seguida dirigiu-se [...] para a fábrica de papel”, num domingo, a fim de trabalhar por “trinta e seis horas”, deixando a esposa sem socorro. Em outros dois casos, a dinâmica é inversa, já que são Izolina Hipólita Mendes, de 21 anos²² e Brasiliana Gonçalves Rodrigues, de 16 anos,²³ que dão tiros de morte em seus ofensores. Curiosamente, mesmo os fatos sendo separados por um ano, ambas solicitam armas a seus cônjuges para se proteger enquanto levavam comida a eles no trabalho.

São múltiplos os agentes, são diversos os sentidos. Por meio destas análises é possível alcançar resultados importantes e esclarecedores, mas por outro lado é complexo trabalho de reconstruir tantos destinos. Acredita-se, portanto, que ao relacionar as aspirações destes homens e mulheres com o espaço pelo qual transitaram é possível ter uma noção

mais palpável de como funcionavam as redes de sociabilidades e observar melhor as relações cotidianas ali protagonizadas.

Cotidiano e sociabilidades

No que tange à análise de conceitos como cotidiano e cultura popular, parte-se das proposições de Michel de Certeau, em *Invenção do Cotidiano* (1998). Por meio do subtítulo ‘artes de fazer’, Certeau sinaliza sua investigação acerca daquilo que uma cultura popular faz com a cultura dominante que lhe é imposta. Essas relações, hora conflituosas, hora menos evidentes, presumem relações de poder. Contudo, essas relações deveriam ser analisadas não apenas do ponto de vista do aparelho produtor da disciplina, mas necessitariam levar em conta nessa disputa as “táticas” utilizadas pelos grupos subalternos.

As “táticas” são ações provenientes das necessidades imediatas dos “fracos” que, por não possuírem controle sobre o sistema que os rege, precisam sempre “jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’”. Dessa forma, Certeau conclui que “muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições etc.) são do tipo tática”²⁴. Estas “táticas” podem ser astuciosas justamente quando se tornam as formas pelas quais os mais “fracos” fornecem usos alternativos e resistentes da cultura estabelecida.

Outros estudos acerca dessas relações formadoras do cotidiano, que vão além da análise classista do dominador *versus* dominado são os da Nova Esquerda Inglesa, dentre os quais é possível citar mais especificamente alguns trabalhos de E. P. Thompson. Nesta esteira, em

*As peculiaridades dos ingleses*²⁵, ao contestar a produção de uma história dos trabalhadores restrita às relações de classe e poder, este autor ressalta a existência de relações sociais importantes fora do palco das lutas políticas. Fora deste palco estão, portanto, as lutas culturais. Sendo assim, leva-se em consideração que

a cultura conservadora da plebe quase sempre resiste, em nome do costume, às racionalizações e inovações da economia (tais como os cercamentos, as disciplinas de trabalho [...] que os governantes, os comerciantes ou os empregadores querem impor.²⁶

Estas teorizações concebidas por Thompson, Certeau, entre outros, não estão desencarnadas, mas sem dúvida têm permitido, nesta fase inicial da pesquisa, afinar a percepção a respeito das rupturas e permanências em relação à chegada do capital na região do Distrito de Cachoeirinha. São pensamentos que ajudam a entender as motivações que estão nas entrelinhas das vivências de pessoas comuns que nos são apresentadas pelos processos criminais. Seja os operários que, no próprio local de trabalho, negociam “a compra de couro de cobra” e ainda são convidados por um terceiro para “uma reza de São Benedicto”²⁷; os jovens do “Barracão de Residência dos Solteiros” da fábrica, entre os quais havia o que “tocava cavaquinho” e aquele que “estava lendo uma revista”, enquanto um terceiro “lubrificava um revolver”²⁸.

Como traço importante do cotidiano do Distrito de Cachoeirinha é possível citar, ainda, a pérola da modernidade, que nascia na virada do século XIX para o XX como a sétima arte. O cinema pode ser apropriado, no contexto em questão, em pelo menos dois sentidos, o político e o cultural. Por um lado, pode revelar um traço das políticas varguistas de

propaganda, que se espalharam por todo país, tendo as exhibições cinematográficas obrigatórias como um meio de atingir até mesmo os analfabetos. Como mostra Maria Helena Capelato, nas palavras do próprio Vargas, “o cine será o livro de imagens luminosas em que nossas populações praieiras e rurais aprenderão a amar o Brasil”²⁹.

Por outro lado, já é possível observar os primeiros sinais de como a população se relacionava com esse novo elemento cultural. Um processo criminal de 1938 é esclarecedor na medida em que o ofendido, Antonio Vieira, relata que

foi assistir a uma função cinematográfica no cinema existente na Fábrica de Papel; que terminada a função, o declarante saiu em companhia de um seu amigo [...] com destino a um baile [...] onde esperava o declarante se encontrar com sua namorada.³⁰

Preliminarmente, é possível observar que o cinema, em meio ao espaço rural, não agia sempre como um substitutivo dos meios de diversão e reunião ali existentes anteriormente, como os bailes e as rezas, citados acima.

Alguns anos depois, em 1944, as exhibições cinematográficas seguem mescladas ao cotidiano rural daqueles bairros, numa situação em que ajuda a observar a conotação diferente que elas possuíam naquele contexto. Adrião Pinto Ferreira, o réu, ressalta um ponto crucial do seu cotidiano – e provavelmente de inúmeros outros jovens que ali viviam – quando comenta que “trabalha a semana inteira na lavoura, indo aos domingos ao cinema, pela noite”³¹. O cinema, naquele contexto, custeado pela indústria, exibindo filmes estrangeiros, não deixava de ser um traço da cultura dominante. Mas, numa análise que pode ser ainda mais refinada,

essa cultura era apreciada, sem dúvidas de uma forma diferente, específica àquelas comunidades rurais.

Em suma, em todos estes processos é possível perceber os traços do cotidiano e das sociabilidades existentes entre os diversos grupos de indivíduos que compunham e promoviam as ligações entre os mais diversos espaços. Buscando, assim, entender estas trocas existentes entre homens, mulheres e crianças e o espaço em que habitam, tentando ligar peças ainda separadas nesta fase da pesquisa, fazemos uma apreciação dos conceitos relacionados a Cidades. Entre os estudos mais importantes a este respeito, registramos aqui um grande apontamento deixado pela historiadora Maria I. Santos de Matos:

cabe ao investigador entender esse emaranhado de tempos-espacos e memórias, recuperar as várias camadas e as relações entre elas decifrando seus enigmas, como uma arqueologia social da cidade.³²

Até este momento foi possível apreciar algumas das relações e disputas culturais, políticas e de poder que necessitam ser analisadas com mais profundidade por meio de referenciais teóricos, metodológicos e documentais como os demonstrados neste pequeno registro de pesquisa. Necessário se faz organizar as informações que parecem desconectadas no início da pesquisa, para aproveitar todo o potencial deste e de todo material que ainda está por ser estudado. Ainda assim, deve-se ter em mente que a escrita da história é inesgotável em suas perspectivas e problemáticas, fator que resulta num grande desafio sempre que se busca lançar uma nova hipótese de pesquisa. Por outro lado, as inumeráveis possibilidades de análise, a constante busca pela renovação, sempre será a maior riqueza da escrita da história.

Notas

* Mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0579-9387>

¹ De acordo com Magnus Pereira, esse cenário seria, ainda, uma herança do século XIX, período em que “as atividades econômicas quase que exclusivas eram a agricultura de subsistência e uma forma de pecuária voltada mais ao comércio de passagem e à invernagem (engorda) [do gado que vinha do Sul do país] do que propriamente à criação” (PEREIRA, 1992, p. 2).

² MACHADO, P.P. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

³ A Guerra do Contestado (1912-1916) foi um conflito de terras que colocou camponeses advindos de um movimento messiânico em torno da figura do beato José Maria em oposição aos exércitos estaduais e federais, dentro de um território disputado pelos estados de Santa Catarina e Paraná. Os conflitos se acirraram quando as empresas supracitadas, *Brazil Railway* e *Southern Lumber*, compraram terras e desapropriaram camponeses para a construção da estrada de ferro e a exportação de madeira em larga escala. É neste contexto, ou seja, na construção da mesma linha férrea, que o Engenho de Cachoeirinha – espaço recortado para esta pesquisa – é construído. Para mais ver: MACHADO, P.P. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

⁴ TOMPOROSKI, A. A. **“O pessoal da Lumber!”: Um estudo acerca dos trabalhadores da Southern Brazil Lumber and Colonization Company e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910 - 1929**. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em História). UFSC. Florianópolis, 2006.

⁵ BISHOP, S. **Relatório da Southern Brazil Lumber and Colonization Company. 1919 (Dezembro)**. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

⁶ **Jornal A República**, Curitiba, 1906-1923; **Jornal Diário da Tarde**, Curitiba, 1908-1923.

⁷ **Jornal O Estado**, Curitiba, 02 nov. 1937. Nesta citação optou-se por manter a grafia utilizada pelo jornal.

⁸ BRANDÃO, A. **Memórias: frigorífico das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo em Jaguariaíva**. Curitiba: PNDU, 2007. p.32.

⁹ CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis. RJ: Vozes, 3 ed, 1998; THOMPSON, E.P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; GINZBURG, C. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁰ MATOS, M. I. S. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. São Paulo: EDUSC, 2.ed. 2014; PESAVENTO, S. J. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH, v. 27, n. 53, pp. 11-23, junho de 2007.

¹¹ O termo de origem Tupi não possui exato consenso acerca do seu significado, no entanto as versões ficam entre “Campos Floridos” e “Dia das Flores”, suposto nome de um cacique que habitava as margens do rio Tibagi. Já no ano de 1943, por meio do Decreto-Lei Estadual nº 199 de 30 de dezembro o nome de Cachoeirinha passa a Arapoti. No entanto, o desmembramento em relação ao município de Jaguariaíva ocorre através

da Lei Estadual nº 253 de 26 de novembro de 1954, tendo sido a inauguração da nova sede em 18 de dezembro de 1955. (ATAS DA CÂMARA DOS VEREADORES apud NAKANO, 1995).

¹²BRASIL. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1959. p. 45.

¹³ **Processo Crime por Lesão corporal**. Requerente: A Justiça Pública. Requeridos: Antônio Eginô dos Santos; Abílio de Souza; Geniplo Sampaio. Jaguariáiva, 1939. Arquivo do Fórum da Comarca de Jaguariáiva (AFCJ).

¹⁴ **Processo Crime por Lesão corporal**. Requerente: A Justiça Pública. Requerido: Jordão Mendes do Prado. Jaguariáiva, 1941. AFCJ.

¹⁵ **Processo Crime por Defloração**. Requerente: A Justiça Pública. Requerido: Reni Russi. Jaguariáiva, 1942. AFCJ.

¹⁶ CHALHOUB, S; SILVA, F. T. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980. In: **Cadernos AEL**. vol. 14, nº 26, 1º sem 2009. p. 42.

¹⁷ **Processo Cível por Esbulho**. Requerente: Indústrias Brasileiras de Papel. Requerido: Antonio de Carvalho. Jaguariáiva, 1933. AFCJ.

¹⁸ **Processo Crime por Exercício ilegal da medicina**. Requerente: A Justiça Pública. Requeridos: Domingos Martins e Justina Dias da Trindade. Jaguariáiva, 1943. AFCJ.

¹⁹ **Processo Crime por Fraude**. Requerente: A Justiça Pública. Requerido: Vasco Ciunachowicz. Jaguariáiva, 1941. AFCJ.

²⁰ **Processo Crime por Lesão corporal**. Requerente: A Justiça Pública. Requerido: Militino José Binotto. Jaguariáiva, 1941. AFCJ.

²¹ **Processo Crime por Lesão corporal**. Requerente: A Justiça Pública. Requerido: Jordão Mendes do Prado. Jaguariáiva, 1941. AFCJ.

²² **Processo Crime por Homicídio**. Requerente: A Justiça Pública. Requerida: Izolina Hipólita Mendes. Jaguariáiva, 1938. AFCJ.

²³ **Processo Crime por Homicídio**. Requerente: A Justiça Pública. Requerida: Brasiliana Gonçalves Rodrigues. Jaguariáiva, 1939. AFCJ.

²⁴ CERTEAU, M. op. cit., p.47.

²⁵ THOMPSON, E. P. As peculiaridades dos ingleses. In: NEGRO, A. L; SILVA, S. (orgs.). **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

²⁶ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 19.

²⁷ **Processo Crime por Lesão Corporal**. Requerente: A Justiça Pública. Requerido: João Luis Sampaio. Jaguariáiva, 1935. AFCJ.

²⁸ **Processo Crime por Homicídio**. Requerente: A Justiça Pública. Requerido: Adrião Pinto Ferreira. Jaguariáiva, 1944. AFCJ.

²⁹ CAPELATO, M. H. R. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, J; DELGADO, L. A. N. **O Brasil republicano**: o tempo do nacional-estatismo. v.2. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 127.

³⁰ **Processo Crime por Homicídio**. Requerente: A Justiça Pública. Requerida: Izolina Hipólita Mendes. Jaguariáiva, 1938. AFCJ.

³¹ **Processo Crime por Homicídio**. Requerente: A Justiça Pública. Requerido: Adrião Pinto Ferreira. Jaguariáiva, 1944. AFCJ.

³² MATOS, M. I. S. op. cit., p. 36.